

A
dupla
vida
de Moema
Vilela
Dadá

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Camila Doval

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V699d VILELA, Moema 1982.

A dupla vida de Dadá / Moema Vilela – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2018.

72 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-352-4

1. Ficção 2. Contos, minicontos I. Título

CDD B869.93

Índice sistemático:
1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

SOPA SORVETE

A história da sopa poderia começar como a dos bonecos de neve, com o frio. Aquele estado que os dicionários e as enciclopédias subestimam, definindo-o pela falta ou pela diminuição de calor. Só a inveja, verme quente, explica o que motiva tais doutores em física a explicarem o frio assim, a contrapelo, no divórcio entre realidade e fantasia. Eu digo: são muitos os endereços do frio. Das uvas às luvas de lã, passando por todos os corpos, são tantos os endereços do frio que convém limitá-lo aqui apenas ao assunto em questão, a sopa, que desde sua Idade Média o aperfeiçoa. Tanto que quando faz calor, a sopa o esfria, num liquidificador de gaspacho direto de um filme de Almodóvar: aromático, com calmantes, e verde, muito verde, e mesmo assim com uma folha ainda mais verde em cima. Tomado no bico do copo do liquidificador com a geladeira aberta, de tanta fome boa, de sopa, de invenção e de frio. Sem querer desmerecer a sopa por isso, da mesma maneira que falamos que um bom médico ou um bom zagueiro é um artista, é preciso dizê-lo. A sopa é um sorvete.

*

A história da sopa tem tantos começos quanto as mentiras. Esta sopa, recusando todo o universo de começos com que ela poderia se casar, desposando apenas um começo na saúde e na doença, até que a morte os separe, esta sopa começa de forma direta e reta como certos homens do campo se comunicam: batata e água. Uma mão que convoca tábua e faca e desordena o redondo, em uma constelação de porções desconhecidas de geometria, inexatas. Esta sopa repete uma receita ancestral de família, então leva um pouco de abóbora, outro de ervilha, de espinafre, de couve e de cenoura, e uma cebola para dar dramaticidade ao sabor. Melhor se houver de temperos sal, gengibre e noz moscada. Elas precisam dessa companhia, as batatas, depois de desmembradas em tantas solidões. Apertando a velocidade das coisas, depois de descascar, ralar, picar, rasgar com a mão as veias da couve, todos os legumes boiarão na panela esperando que você risque o fósforo. Risque-o, com os cabelos de repente grisalhos e desgrenhados, transpirando loucura. Aguarde aquele segundo em que a paciência se esgota e o fogo dá um basta e explode. Se alastra. A panela ferve. A trilha sonora chia. As coisas se misturam todas e se transformam em outras. Um macaco pega o pedaço de osso e o levanta. Uma sinfonia de Strauss toma o ar. A sopa está feita. É o fim de uma jornada heróica. As batatas e as águas nunca mais poderão ser inteiras, sozinhas, de novo.

*

Uma história da sopa gravita em torno de 1979, em um seminário de Linguística na França. O pesquisador lituano

Algirdas Julien Greimas tinha sido desafiado a demonstrar sua teoria de que todos os textos, quem sabe todo o imaginário humano, poderiam ser estudados por um mesmo esquema. Um discurso de Martin Luther King, as mil e uma noites de Sherazade, a mitologia lituana, a viagem de Tintim ao Tibete e muito mais. Depois de muito pensar, ele voltou ao seminário com seu novo artigo científico. Ele aplicou parte de seu teorema não em um romance de Machado de Assis, em uma notícia de jornal ou nas propagandas de refrigerante. Ele aplicou seu teorema em uma sopa. A sopa ao pesto era uma aventura, em que os legumes crus, acompanhem este conflito, se transformavam em cozidos. Nessa noite inesquecível para as histórias, um aluno boêmio esqueceu na cantina da universidade a maior parte da demonstração anotada, enfiando de volta na pasta apenas as duas primeiras páginas de anotações sobre o artigo de Greimas, que continham os ingredientes e o modo de preparo da receita. Sua avó o encontra desacordado no sofá da sala, fedendo a conhaque, e a calcinha, em cima de um livro de Balzac. Ela medita sobre a necessidade de vivenciar um pouco das buscas das novas gerações para entender melhor o neto. Ela decide que quer e deve fazer isso. Procura entre os documentos do estudante por um diário de anotações, das quais a mais compreensível é a receita da sopa ao pesto. Quando ele acorda, é convidado ao almoço tardio, cheirando desde a cozinha a alho e manjeriço, azeite de oliva e parmesão. Vai ajudar na ressaca, a avó apressa, e sem o saber, ele come o teorema que desvenda todas as histórias do mundo. Já na primeira colherada, vê-se condenado à eternidade,

pois, como Deus e as mentiras, as histórias não têm começo nem fim. As combinações contêm multidões. Resignado, para começar a gastar aquele tempo infinito, ele olha para a cara da avó, assopra o próximo bocado de sopa e pede um tema, uma delimitação. A vó ajeita o agasalho de linho rosa e diz: o frio. E que as histórias sejam curtas. O estudante condenado inicia: A história da sopa poderia começar, como a dos bonecos de neve, com o frio.

UNÇÃO DA POESIA

Perdeu a garota e o amigo, mas não a fé: soprou nas costelas da gaita e fez um blues.

FLEXÍVEL

Com o papel da recusa, fez um aviãozinho. Como tinha se sentido diminuída, entrou nele e voou.

RELÓGIO

Por cinquenta anos, o marido foi seu despertador, até o dia em que nenhum dos dois acordou.

RODRIGUEANA




As almas eram gêmeas, portanto os corpos gostavam da mesma coisa: a esposa do irmão dela.

DISCO RÍGIDO

Perdeu o computador, ganhou uma namorada – que a técnica podia prometer sigilo e profissionalismo na recuperação dos dados do HD, mas não indiferença frente àquelas fotos.

UMA VIDA COMPLETA

Sim, teve o filho, o livro, a árvore, mas também a estricnina.

 www.moemavilela.com
 moemavilela@gmail.com
 twitter.com/moemavilela